

# Inquérito: Avaliação dos professores

A Europa arrisca-se a perder a batalha da educação, diz um relatório da OCDE apresentado em Bruxelas em Março. A França e a Alemanha já não são líderes no que respeita ao saber e à ciência. Em Portugal, o Ministério da Educação diz que quer mudar... e, para isso, propõe-se alterar as condições de acesso à profissão de docente. Há pouco tempo, falou-se no estabelecimento de provas nacionais para candidatos a professores: para se ser professor seria necessário obter aprovação num exame de recrutamento, isto é, não bastaria a licenciatura adequada. A Gazeta de Matemática foi procurar opiniões sobre estes assuntos.

**Questão 1:** Até aqui a colocação de professores baseava-se na classificação da licenciatura e nos anos de serviço.

Que lhe parece a ideia de também contar, com um certo peso, a classificação obtida num exame especial de acesso?

**Questão 2:** E para efeitos de promoção na carreira?

Concorda com a existência de provas de carácter científico e pedagógico?

**Questão 3:** Que importância atribui à preparação científica e actualização de um professor? Que incentivos existem para um professor se manter actualizado? Que incentivos deveriam existir?

**Questão 4:** Façamos um paralelo com a carreira de docente no Ensino Superior. Para se ascender é necessário prestar certas provas, para além da licenciatura, como o doutoramento e a agregação. Não deveria também a progressão na carreira docente no ensino secundário e no básico depender da aprovação em certas provas (devidamente adaptadas e não idênticas às do ensino superior)?

Bruna Pereira, Estudante da Licenciatura em Matemática da Universidade Lusófona

**Questão 1:** A classificação obtida na licenciatura é, por vezes, um indicador algo enviesado da capacidade real de um licenciado. Algumas Faculdades e Universidades incitam, através da forma como conduzem o seu ensino, à simples mecanização e memorização, conseguindo os alunos que têm estas capacidades obter bons resultados.

Assim, julgo que um exame especial de acesso seria uma mais valia para evitar que estes licenciados ingressem, sobretudo no ensino, sem que estejam devidamente dotados das ferramentas e raciocínio lógico suficientes para o exercício da actividade docente. Obviamente que este teste devia testar, não a mecanização, mas sim o raciocínio lógico e dedutivo dos professores, pois este é indispensável para que a qualidade de ensino seja a desejável.

Mais ainda, penso que tal distorção poderia ser evitada se houvesse alguma forma de controlar objectivamente e com rigor a qualidade dos cursos universitários, e assim garantir que apenas ingressem no ensino as pessoas que têm capacidades reais para o efeito.

Quanto aos anos de serviço, por vezes revelam-se não uma mais valia mas sim um sinónimo de acomodação e desinteresse.

**Questão 2:** Parece-me natural e desejável que a qualidade dos docentes, não só quando ingressam no ensino, mas ao longo de toda a sua profissão, seja cultivada.

Os professores do ensino básico e secundário, a partir do momento em que entram para a profissão, não

necessitam de mostrar quaisquer provas do seu valor nem de produzir resultados do seu, por vezes inexistente, trabalho contínuo.

Aliás, caso os professores queiram progredir na carreira precisam de adquirir créditos, mas a verdade é que até há bem pouco tempo, estes podiam ser adquiridos em cursos que nada tinham a ver com a sua área de origem (por exemplo: um professor de matemática podia ganhar créditos que lhe permitiam ascender profissionalmente num curso de pintura, ou fotografia), e actualmente apenas 50% dos créditos necessários à passagem de escalão precisam de ser na área respectiva.

Assim parece-me evidente que os professores tenham de prestar provas de carácter científico e pedagógico ao longo da sua carreira, podendo estas funcionar como um incentivo, motivando os professores na busca contínua do conhecimento.

*Questão 3:* A preparação científica e a actualização constante de um professor é de importância máxima para assegurar a qualidade que se exige e se espera. Ninguém pode formar jovens, entenda-se desenvolver raciocínio, se a sua própria formação não for sólida nem, tão pouco, lhe tiver proporcionado a construção e dedução de elementos lógicos. A falta de preparação de alguns professores é um dos principais motivos de desinteresse e estagnação dos bons alunos. Com isto pretendo expor as inúmeras situações em que alunos dotados de um raciocínio bastante desenvolvido e lógico são ignorados por professores que não os conseguem acompanhar.

Os incentivos para um professor se manter actualizado deveriam ser derivados da própria curiosidade intelectual e brio profissional, pois a actualização é indispensável para garantir a qualidade das aulas. Assim sendo, cada professor deve sentir que a actualização faz parte do seu trabalho de docente, e não apenas a exposição sistemática de matéria em aulas.

Em todo o caso, a haver incentivos julgo que os existentes (v.g. a ascensão na carreira e consequente aumento de remuneração) seriam suficientes. Penso que o mais importante dos incentivos seria a renovação da imagem da classe professoral que, manifestamente, tem sido bastante desprestigiada.

*Questão 4:* Como já referi, penso que as provas de estudo contínuo devem estar associadas à progressão na carreira

dos professores de todos os níveis de ensino, sendo estas adequadas a cada um dos níveis.

Mais uma vez refiro que estas provas devem visar maioritariamente o raciocínio lógico e dedutivo dos professores, pois uma mera resolução de exercícios sobre as matérias que estes exploram com os seus alunos não é, na minha opinião, suficiente.

**Luizete Dias, professora de Filosofia da Escola Secundária Poeta António Aleixo, Portimão**

*Questão 1:* Antes de mais, o que se entende por um exame especial de acesso? Que competências se pretende avaliar? Quem será o responsável pela sua elaboração? Fazer um exame de carácter científico parece-me abusivamente ilegítimo porque coloca em causa as instituições universitárias que preparam os futuros professores.

*Questão 2:* Concordo. Aliás sempre fui defensora de que a progressão na carreira não devia ser feita nos moldes em que se processou até há pouco tempo. A recente medida do governo de obrigar os professores a fazerem créditos em 50% na área científica é de louvar. As provas de carácter científico e pedagógico poderiam ser a investigação de um tema e a criação de materiais à sua leccionação, sujeitos à discussão/avaliação por uma comissão científica e pedagógica específica da área. A sua divulgação em revistas da área também seria uma possibilidade.

*Questão 3:* A actualização de um professor é só o aspecto essencial da sua vida profissional. Costumo dizer repetidamente que um professor que não se actualiza perde qualidade ainda que disso possa não ter consciência. Os incentivos existentes parecem-me ser apenas o mestrado e o doutoramento com benefícios na progressão da carreira. Sendo de saudar, à excepção de uma nuance em relação ao doutoramento. Se este for na área científica o professor apenas progride 2 anos, enquanto que com um doutoramento na área pedagógica o benefício é de 6 anos! Quanto aos incentivos que deveriam existir, penso que poderiam passar por um maior benefício fiscal na aquisição de livros e, por outro lado, maior acesso à frequência de seminários em universidades.

*Questão 4:* A minha resposta vai no sentido da resposta à segunda questão. Os relatórios de progressão são um mero *pro forma*. A realização de trabalhos de investigação com

efeitos na prática pedagógica é benéfica no crescimento do professor, cientificamente e pedagogicamente, e como tal esta seria uma forma de prestação de provas adequadas. Ficarmos por uma prova de papel e lápis poderá contribuir para uma visão enviesada do que se pretende com o ensino.

**Maria Engrácia Gonçalves Fernandes, Escola Secundária de Carlos Amarante, Braga**

*Questão 1:* Concordo plenamente que se faça um exame especial de acesso para ingressar na carreira docente, tal como se faz para ingressar noutras profissões (ordem dos engenheiros, ordem dos advogados, etc...).

*Questão 2:* Quanto à progressão na carreira, concordo mais com a existência de provas de carácter científico-pedagógico do que com o actual sistema. No entanto, este tipo de provas teria de se ajustar à realidade escolar onde cada professor está a exercer a sua profissão pois, como sabemos, "o nosso país é muito desigual".

*Questão 3:* O professor deve estar permanentemente actualizado. O brio profissional e a possibilidade de contribuir de forma positiva para o desenvolvimento dos jovens são, de longe, os maiores incentivos. De qualquer forma, esta actualização requer meios e condições de trabalho que, na maioria das escolas, são escassos.

*Questão 4:* Sem me querer repetir, acho que sim. Mas levantam-se uma série de questões: De quem seria a responsabilidade da elaboração das provas? Seriam iguais para todos os professores, independentemente das escolas onde se encontram a exercer a sua profissão (localização em zonas problemáticas ou em zonas de extractos sócio-culturais elevados)? É um tema importante, urge ser resolvido, mas carece de uma reflexão muito cuidada.

**Telma Guerra, Escola Superior de Tecnologia do Barreiro**

*Questão 1:* Uma pessoa quando termina uma licenciatura em ensino de qualquer área, à partida, significa que não tendo obviamente experiência na leccionação, conseguiu apreender os saberes que lhe foram propostos e dar mostras dessa apreensão, dentro da sua área de estudo. Assim sendo, penso que essa pessoa está em condições de transmitir os saberes apreendidos adequando-os ao nível

de ensino em que se encontra a leccionar, sem necessitar de prestar provas de conhecimento num exame especial de acesso, porque afinal foi isso que fez durante todo o tempo em que esteve a estudar.

Terminar uma licenciatura significa obter uma licença para o desempenho de alguma função. No caso de uma licenciatura em ensino significa obter uma licença para ensinar.

*Questão 2:* Para efeitos de progressão na carreira já me faz sentido que o professor preste provas de carácter científico e pedagógico. No ensino superior é assim que se progride. O professor tem que obter os graus e fazer investigação publicando os resultados obtidos em revistas científicas da especialidade. Penso que também no ensino secundário deveriam existir provas de carácter científico e pedagógico adequadas, que garantissem a manutenção e evolução dos saberes adquiridos dos professores que vão progredindo e chegam ao topo.

*Questão 3:* É claro que é muito importante que um professor seja bom cientificamente, e no caso de não o ser, que tenha consciência das suas lacunas e que tente corrigi-las. Não menos importante é manter-se actualizado numa época em que a ciência avança a um ritmo frenético. Um professor não deve deixar-se cair em "desuso" mas sim procurar actualizar-se permanentemente.

Para essa actualização penso que o professor deve frequentar cursos de formação, congressos, colóquios, seminários, workshops, dentro da sua área de formação. E por que não obter doutoramentos, se assim o desejar? Por outro lado, e friso que não conheço a realidade das escolas secundárias, penso que deve partir das escolas esse incentivo, no sentido de fazerem divulgação dos diversos acontecimentos que existem, criarem bolsas de deslocação e horários de substituição que permitam que o professor se ausente sem prejuízo para os alunos.

*Questão 4:* Penso que a progressão na carreira de docente no ensino secundário, à semelhança do que acontece no superior, deveria também depender da aprovação em provas de carácter científico e pedagógico. Aliás já o tinha dito na questão 2. Agora não sei, e muito provavelmente devido ao meu desconhecimento da realidade do ensino secundário e básico, que tipo de provas seriam, mas parece-me que realmente deveriam ser adaptadas e não idênticas às do ensino superior.